

## Entrevista

### Cinco anos da tragédia sócio ambiental da Vale em Brumadinho. Uma vítima do mar de lama.



Revista Práticas Pedagógicas<sup>1</sup>  
PEREIRA, Vera Lucia dos Reis<sup>2</sup>

#### 1. Onde você estava no momento da tragédia?

Estava na loja da minha irmã, Sueli, que fica no centro de Brumadinho, bem próximo do Rio Paraopeba.

#### 2. Como ficou sabendo que a represa da Vale havia rompido?

Eu e o Wagner acordamos de manhã, nesse dia, ele tinha exame periódico da empresa Vale para fazer, e o horário que ele saiu não era o de sempre, saiu um pouco mais tarde. A imagem dele saindo de casa, passando pela porta, não me sai da cabeça. Em seguida, fui para a loja, na hora do almoço entraria em contato com ele para saber como foram os exames. As 11 horas, minha colega de trabalho foi almoçar, fiquei sozinha na loja. De repente foi chegando gente na loja, e o assunto era o mesmo, a barragem rompeu, mas ninguém sabia ao certo o que havia acontecido. Um clima pesado e estranho foi tomando conta da loja. Foi aí que minha colega de trabalho retornou chorando e me disse: Vera, liga para seu marido, porque a barragem rompeu e quem estava no restaurante morreu, todo mundo. Fiquei desesperada e peguei o celular para ligar. Contudo, a loja começou a encher de gente desesperada, lembro que eles falavam que ia morrer todo mundo que estivesse no centro, que fica a beira do Rio Paraopeba, pois a lama ia inundar o local. Outros afirmavam que tínhamos que evacuar. Enfim, estávamos todos sem informações precisas, muitas delas desconhecidas, e sem orientação do que fazer. Mas de uma coisa era certa, ninguém queria ficar no centro da cidade. Entravam correndo e saindo correndo pela loja, alguns colocavam as mãos na cabeça e gritavam desesperados, pois tinham parentes que trabalhavam na barragem ou moravam em regiões próximas. De repente a loja foi tomada por um clima de guerra, o cheiro de velório assombrava cada cidadão que ali estava, senti na pele o despertar da morte. Tentei me acalmar e tranquilizar os que estavam na loja. Foi quando percebi que o centro da cidade estava um caos. Carro correndo de um lado para o outro desrespeitando as regras de trânsito, ônibus não passavam mais pelo local, pessoas procurando táxi e não conseguiam. Foi aí que entrou um rapaz desconhecido, provavelmente de 17 anos com um garoto de uns 7 anos e falou assim para mim: minha família que mora no Parque da cachoeira morreu. Então disse a ele: calma, morreu não, tudo vai se resolver. Chorando ele indagou: acabou com tudo que existe lá, olhe meu irmão que vou atrás do meu tio. Ele deixou o garoto comigo e saiu correndo da loja. O menino agarrou nas minhas pernas e disse: tia, não me deixe morrer. Eu segurei o menino e disse a ele que a tia não ia deixá-lo morrer. Minha colega estava em estado de choque, pois o pai dela estava na

<sup>1</sup> Revista Práticas Pedagógicas

<sup>2</sup> Natural de Brumadinho, mãe de duas filhas, dona de casa, viúva de Wagner, que morreu no mar de lama de resíduos de minério de ferro da mineradora Vale, em Brumadinho.

barragem que havia rompido. Eu tentava ligar para a Sueli, minha irmã, a dona da loja, e não conseguia, minha colega em estado de choque, o garotinho agarrado em minhas pernas em lágrimas e eu precisava controlar o tumulto da loja. Foi aí que minha ex-sogra chegou catatônica e gritando: eu não consigo falar com ele, eu não consigo falar com ele. Tentei acalmá-la. Quando consegui esvaziar a loja e fechá-la, percebi que eu era uma das últimas a sair do centro, só ouvia a sirene dos carros da polícia que transitavam pelo local. Mas a criança continuava sobre meus cuidados. Em questão de alguns minutos a cidade de Brumadinho, tomando o centro como referência, foi invadido por uma onda de insegurança, desespero, desinformações e sem direção para os que moravam ao leito do rio Paraopeba, a cena era de terror. A morte havia lançado seu véu escuro sobre as casas, ruas e cada transeunte que a lama de rejeito conseguiu envolver. Por sorte, encontrei o irmão do garotinho, ambos entraram em um coletivo e sumiram pelas ruas da cidade. Meu carro estava próximo à igreja matriz, que fica um pouco distante da loja. Quando passei perto da loja, de carro, sentido minha casa, a única coisa que visualizei no centro foi uma barreira que a polícia fez, perto da ponte sobre o rio, para ninguém entrar e nem sair, pois a notícia é que a lama ia invadir toda a região. Quando passei pela avenida do Bananal, que fica próximo ao centro, consegui ver a moto do Wagner, que ele deixava estacionada no local, era o meio de transporte dele para chegar do centro até a nossa casa, no Bairro José Henriques. Pedi a Deus para que ele estivesse bem, que tudo aquilo não fosse real. Deixei minha colega e minha ex-sogra na casa delas.

### **03- Sua filha Ana Luisa, como ela recebeu a notícia?**

Da loja, eu consegui avisar minha filha sobre o rompimento da barragem. Quando cheguei em casa, vindo da loja, naquele dia fatídico, ela correu e disse: mãe, fala que isso é mentira, que o pai está bem. Eu fiquei sem saber o que fazer e perguntei a mim mesma: o que vou fazer? O que dá para fazer? Como posso ajudar? Minha filha falava o tempo todo: ele está no mato, alguém vai salvar ele, ele está bem. Nisso, o bairro onde eu morava já estava tomado por um desespero, pois várias famílias tinham algum cidadão ou até mais que trabalhava na Vale, naquele momento. O desespero e a falta de informação eram tão grandes, que as pessoas ficavam andando de um lado para o outro nas ruas em busca de alguma notícia. Nisso, as horas foram passando, a tarde foi terminando e nada de notícia, eu não conseguia falar com meu ex-marido. A angústia de não saber onde ele estava e como ele estava se apoderou de mim. Os meios de comunicação traziam poucas informações e algumas até incoerentes, pois a onda de rejeito da lama pegou a todos de surpresa e nos impactou de tal maneira, que para uma informação verídica vincular pelos meios de comunicação, necessitava de tempo. Mas esse tempo era crucial, amargo e desesperador.

### **4. Nas primeiras 24 horas do acidente houve algum tipo de apoio, conforto ou de informação por parte da empresa?**

No sábado, o dia seguinte ao acidente, a Vale montou com as instituições públicas uma base, a Estação do Conhecimento, local para onde as pessoas iam, era o único ponto de apoio que tínhamos. Saímos da nossa casa, sem condições psicológicas, para ir até a base, que era uma confusão, para ter alguma notícia. De tempo em tempo, saía uma lista com nomes dos que haviam sido encontrados mortos, que eles liam e depois anexavam ao mural. A Estação do Conhecimento era uma loucura, tudo era direcionado para este local, até a chuva resolveu aparecer.

### **5. Algumas pessoas tentaram ir ao local do rompimento da barragem ou percorrer o caminho destruidor do vale que foi tomado pelo rejeito de mineiro de ferro, pois naquele momento, nem a empresa ou a polícia mineira tinham controle desses locais. Você teve vontade de fazer uma busca particular pelo Wagner?**

Eu fui até bem próximo do local em que a barragem ficava, naquele viaduto que perdeu as pilastras. No auge do desespero, adentrei na lama em busca do Wagner, acabei afundando naquele barro podre, cheirava muito mal, cinco pessoas tiveram que me puxar. Aquela lama era como um grude que grudou nas minhas pernas e me puxava para a área central do rio de resíduos tóxicos. Como uma massa fina que impregnou na minha pele e não soltava. O que reinava no local era o silêncio da morte. Silêncio quebrado de tempo em tempo pelo barulho dos helicópteros que transitavam pelo local. As pessoas que, assim como eu, se arriscaram em uma busca particular, traziam no rosto uma tristeza ímpar, um olhar tão desolador que doía na alma. Voltei para casa, só me restava esperar.

### **6. Em que momento você recebeu a notícia de que Wagner não podia ser mais encontrado com vida?**

Essa conclusão eu tive por mim mesmo! Ninguém me disse que ele havia falecido. Através do que eu vivenciei, pelos relatos que as pessoas davam, pelas notícias que circulavam na imprensa, aferi que não era mais possível encontrá-lo com vida perante o cenário que se desnudava sobre nós. Quando tentei fazer uma busca pelo Wagner e adentrei na lama, onde fiquei presa e tive que receber ajuda para sair do local, neste momento entendi que a lama havia ceifado a vida dele, mas eu não queria acreditar.

### **7. Quais foram as consequências negativas que atingiram sua família de imediato?**

Diretamente, o medo, angústia, desespero e o cheiro da morte. Por consequência do desaparecimento do pai, minha filha entrou em depressão e tentou suicídio. Então levei minha filha ao psiquiatra e ele me disse: cancela todos seus planos, suas ações urgentes e necessárias perante a situação, para tomar conta de sua filha, ela não pode ficar sozinha. Minha filha não quis viver mais em Brumadinho, o que era plausível, pois o assunto era o mesmo, em qualquer canto da cidade. Não existia um brumadinhense que não tivesse um parente ou um conhecido envolvido no derreamento da lama tóxica da Vale sobre a cidade. Sempre alguém perguntava pelo Wagner, falava que achou o amigo, o irmão, o pai, ou a mãe, mortos sob a lama. A confirmação da morte pingava dia a dia sobre nossos corações. A cidade ficou pequena, abafada, triste e repleta de dor.

### **8. Sua família conseguiu permanecer em Brumadinho?**

Não. Viemos morar na cidade de Betim. Fiquei cuidando da minha filha.

### **9. No momento, você pensa em voltar para Brumadinho?**

Não. Tenho muita dificuldade em voltar à cidade, na minha casa tem 4 anos que não coloco o pé. Aluguei e ali nunca mais voltei. Lembro de cada cantinho dele, onde colocava suas coisas. Ainda tenho esse bloqueio. Acredito que seja pelo fato de não ter ainda efetuado o enterro, não ter fechado esse ciclo, eu não tive um corpo para enterrar, eu vivo uma eterna espera. Existe a necessidade de passar por todas as etapas da morte, eu precisava de passar por este processo. Brumadinho é a cidade da minha família, mas não é o local onde gosto de estar, a cidade não me cabe mais.

Por motivo de força maior, espera-se encontrar as demais partes do corpo para fazer o enterro. Foi achada a perna e uma parte da coluna com a virilha.

### **10- Como você vivencia o dia 25 de janeiro de cada ano?**

Não preciso desta data para lembrar dele, lembro todos os dias, principalmente quando tenho alguma

conquista, quando acontece algo de bom, contudo, não tenho ele por perto para contar, para dizer: olha que legal. Lembrar dele é algo constante, vai me acompanhar para o resto da vida. Agora, dia 25, eu relembro do que aconteceu na loja, no centro da cidade de Brumadinho, por causa do rompimento da barragem. O cenário de guerra passa como um filme em minha mente. Quem passou por aquele cenário de morte, que vivenciou o caos de uma guerra, não tem como esquecer. Não gosto desta data, pois revivemos uma realidade de que tento fugir. Hoje, quando ouço um barulho de helicóptero, eu lembro de Brumadinho.

### 11-Cinco anos separam aquele dia fatídico do nosso presente. O que você diria a uma pessoa hoje, qual conselho daria sobre a vida?

Vive o hoje, abrace o hoje, beije o hoje, fala que ama hoje, pois o amanhã tudo pode acontecer. Nós estávamos bem, ele alimentava bem, sonhávamos com o futuro, estávamos iniciando um empreendedorismo juntos, e tudo se perdeu.



Fonte: REIS, Joaquim (org.) Bruma Lama. Contagem. Prefeitura Municipal de Contagem, 2022